

## **Flanando na Praça: narrativas jornalístico-literárias feitas a partir de uma imersão nas praças de Viçosa-MG<sup>1</sup>**

Robson Evangelista dos SANTOS FILHO<sup>2</sup>

Patrícia Novato MEIRELES<sup>3</sup>

Mariana Ramalho PROCÓPIO<sup>4</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

Esse artigo visa apresentar as produções jornalístico-literárias criadas no projeto de extensão *Flanando na Praça*, do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Em 2013, os estudantes visitaram cinco praças de Viçosa-MG e coletaram informações de pessoas que por lá passavam. O resultado foi a produção de relatos variados sobre esses locais, em formatos de fotonarrativas (textos integrados a fotografias que os registram), crônicas e reportagens, os quais foram agrupados e divulgados no site [www.com.ufv.br/flanando](http://www.com.ufv.br/flanando). O objetivo dessas narrativas é mostrar as histórias do cotidiano e das pessoas anônimas, tantas vezes negligenciadas pela mídia e historiografia local, e resgatar e preservar a identidade dos viçosenses e dos espaços públicos da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; *Flanando na Praça*; narrativas.

### **1 INTRODUÇÃO**

Praças são anfitriãs de acontecimentos históricos. Nelas, ideias e leis foram discutidas, livros e hereges foram queimados, traidores foram castigados e escravos foram vendidos. Já foram ágora, fórum, exóticos oásis e requintados parques e jardins, já simbolizaram democracia e poder e reduziram-se com a civilização. Resistentes ao tempo, as praças ainda fazem parte do cenário urbano, porém seu uso agora é outro: é a fuga da selva de pedra, no meio dela, é o símbolo de sociedade no meio da cidade que não socializa. Convidam e trazem para si pessoas, a fim de reuni-las, abrigam o público, que recupera o prazer e o encanto do convívio, do coletivo. Foram esses espaços públicos os escolhidos para experimentações do projeto *Flanando na Praça*<sup>5</sup>, uma atividade extensionista do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Durante um ano, a equipe do projeto visitou cinco praças da cidade de Viçosa-MG, observando, captando

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 3º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: [robinho\\_robsonfilho@hotmail.com](mailto:robinho_robsonfilho@hotmail.com).

<sup>3</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: [patricia.meireles@ufv.br](mailto:patricia.meireles@ufv.br).

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: [mariana.procopio@ufv.br](mailto:mariana.procopio@ufv.br).

<sup>5</sup> O projeto *Flanando na Praça*, registrado no RAEX sob o número PRJ-256/2012, iniciou suas atividades em 2012 e, desde 2013, é contemplado com o financiamento da universidade pelo edital PROCULTURA. A equipe do projeto é composta pelos estudantes Jésus Dias, Laryssa Maciel, Patrícia Meireles, Robson Filho e Tamires Arsênio, pela professora orientadora Mariana Procópio e pelos professores colaboradores Laene Mucci e Henrique Mazetti.

acontecimentos, colhendo imagens e informações, entrevistando pessoas e apurando suas histórias, com a proposta de voltar-se para o corriqueiro, geralmente despercebido pela correria habitual, e para os anônimos, quase invisíveis pela sociedade.

A percepção desses aspectos do cenário, geralmente não evidenciados, foi possível por meio de observações sensíveis, descompromissadas e sem pressa, contrapondo-se ao jornalismo padrão, no qual o processo de produção de notícias acontece em uma corrida contra o tempo. A inspiração foi a arte de dirigir o olhar para a rua, para as pessoas e para os acontecimentos. O *flâneur*, adepto deste modo, é aquele que vaga sem rumo, vadiando com inteligência pelo espaço urbano, que observa e reflete com perspicácia, assim como fez o jornalista brasileiro João do Rio. Nas suas palavras,

Flanar é ser vagabundo e refletor, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. (...) Flanar é a distinção de perambular com inteligência. (...) O flâneur (...) acaba com a ideia de que todo o espetáculo da cidade foi feito para seu gozo próprio. (...) E de tanto ver o que os outros quase não podem entrever, o flâneur reflete (...). Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, (...) a alma das ruas.” (DO RIO, 2008, p.5)

Através dessa imersão no ambiente público, os estudantes produziram narrativas jornalístico-literárias em formas diversas, como em crônicas, reportagens e fotonarrativas (imagens acompanhadas de breves textos). Nelas, puderam revelar os acontecimentos e os indivíduos comuns, na maioria das vezes, negligenciados pela mídia, que pauta apenas fatos extraordinários e personagens importantes. E assim, na contramão da pressa contemporânea, propondo discutir o narrar jornalístico e praticar uma forma diferente de fazê-lo, o projeto levou às praças aspectos de um jornalismo literário de cunho *flâneur*.

## 2 OBJETIVO

As produções do projeto de extensão *Flanando na Praça* objetivam, em geral, apreender e expor, através de narrativas jornalístico-literárias, a identidade cultural de Viçosa, de seus espaços e de seus moradores. Especificamente, as reportagens têm como objetivo contar a história e apresentar memórias e informações mais objetivas de cada praça. As fotonarrativas visam revelar as características, a dinâmica, o cotidiano e os personagens, dando destaque aos fatos comuns e aos cidadãos anônimos. E, por meio de

relatos inspirados em particularidades de cada praça, aliados a elementos ficcionais, as crônicas apresentam aspectos próprios dos locais e os casos diários que neles acontecem.

O projeto procura o aprofundamento da historiografia local por meio de um viés jornalístico que evidencie personagens e relatos negligenciados pela mídia e pela História oficial e, inclusive, contribua para a própria reconstrução da história de Viçosa. Para isso, visa coletar histórias da cidade e de seus personagens, tornando-os fontes de registros jornalísticos, e a revelação de informações importantes, porém, até então, desconhecidas.

A comunidade viçosense, muitas vezes esquecida pelos estudantes e pela universidade, é a personagem principal do projeto. Espera-se, então, que seja difundida a compreensão do olhar mais humano para Viçosa: que as pessoas se interessem mais pela sua cidade, seus personagens e acontecimentos. E, na contramão, que esta visão da cidade, ao ser resgatada, noticiada e exposta, encontre sua merecida importância.

O projeto objetiva ainda uma reflexão sobre as práticas jornalísticas vigentes e uma experimentação de formas alternativas de se praticar o jornalismo. Dentro dessa proposta de experimentar algo além do que é massivamente praticado pelas academias e mídias tradicionais, as narrativas jornalísticas produzidas pelo projeto se identificam com a perspectiva leve e autoral da corrente Jornalismo literário. O objetivo é que os estudantes possam, por meio de suas narrativas e suas *flâneries*, aperfeiçoar seus conhecimentos sobre os gêneros jornalísticos e experimentar maneiras diferenciadas de se produzir jornalismo. Ainda, eles são convidados e convocados a estabelecer um contato mais direto, efetivo e respeitoso com suas fontes, a fim de conseguir conhecê-las em profundidade. E, além disso, permite a prática de conceitos vistos em sala de aula, relacionados ao jornalismo literário, à linguagem documental e aos métodos de apuração jornalística.

### **3 JUSTIFICATIVA**

A cidade de Viçosa, situada na zona da mata mineira, é conhecida nacional e internacionalmente por sua universidade. Criada em 1922 e construída entre os anos de 1922 e 1926, pelo presidente Arthur Bernardes, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), embrião da UFV, foi transformada em Universidade Rural de Minas Gerais (UREMG) pelo governo do estado em 1948 e, pouco depois, em 1969, a instituição foi federalizada, tornando-se efetivamente Universidade Federal de Viçosa.

Os moradores de Viçosa não vinculados à UFV e não contemplados pelas benesses estruturais dela decorrentes, além de ficarem à margem de muitos benefícios da urbanização

e do crescimento da própria cidade, costumam também ser negligenciados como agentes e protagonistas da própria história de Viçosa. Sem grandes feitos, descobertas científicas e méritos acadêmicos, o viçosense anônimo passa por vezes despercebido e/ou desconhecido. As narrativas midiáticas da cidade, materializadas nos textos jornalísticos dos dois jornais impressos locais e no canal de televisão ligado à universidade raramente o destacam como protagonista da história viçosense. Na cena midiática, em grande medida no contexto nacional, “ser notícia” significa ser importante e estar relacionado às instituições de poder; no caso de Viçosa, é necessário estar atrelado à UFV. França e Guimarães (2006, p.9) relembram que, “com efeito, desde há muito, a vida ordinária, comum a todos os homens tem sofrido o menosprezo – quando não o desprezo soberano”.

O projeto *Flanando na Praça* surgiu, pois, como uma oportunidade de conhecimento da realidade e do cotidiano viçosense, bem como dos personagens da cidade, de forma a resgatar sua identidade. O propósito é revelar e contar as histórias das pessoas que passam ou estão “quase invisíveis” nas praças da cidade, assim como fez a jornalista Eliane Brum em seu livro “A vida que ninguém vê”, ao destacar histórias de pessoas que costumam ser reportadas apenas como coadjuvantes.

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis.  
O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência.  
O mundo é salvo por um olhar. Que envolve, afaga. Abarca. Resgata.  
Reconhece. Salva. Inclui. (BRUM, 2006, p. 196).

Pelo seu formato ao ar livre e sem pressa, o projeto permite à população (transeuntes dos espaços públicos) o exercício da sua cidadania, na medida em que se veem escolhidos para ser notícia; o contato com suas histórias e a troca de conhecimentos de forma leve e descontraída. Essa população, antes tratada como coadjuvante pela mídia, torna-se destaque, obtendo visibilidade social pelas narrativas literário-jornalísticas produzidas.

Para a produção dos relatos e a fim de aprofundar o conhecimento dos fatos pela representação da experiência observada, o projeto optou por uma forma de narrativa sensível, ancorada nos preceitos do jornalismo literário, devido a sua preocupação com a profundidade, com a qualidade da escrita e com abordagens fora do padrão, que estimulam a criatividade e a construção estética diferenciada. Ao contrário do jornalismo tradicional, no qual os valores de objetividade e imparcialidade são centrais para credibilidade, deixando os textos mais secos e diretos (GENRO FILHO, 1987), no jornalismo literário, há a apropriação de gêneros da literatura para tornar o texto mais colorido e próximo do leitor

(WOLFE, 2005). O jornalismo literário caracteriza-se, assim, por uma renovação, estilística, ideológica e funcional. Conforme propõe Pena (2006, p. 13):

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

A imersão no universo do personagem e o uso da subjetividade para a captação e construção dos textos funcionam como instrumentos para tornar a reportagem mais humanizada. Esses preceitos podem também contribuir para a demarcação de audácia, credibilidade e emoção, do jornalista e de sua narrativa. De acordo com Procópio-Xavier:

Essa alteração no modo de se captar a realidade e de transmiti-la nos textos jornalísticos acarreta também uma mudança no que se refere à própria escrita da reportagem. A este novo expoente da escrita jornalística, o jornalismo literário, está indicado um texto informativo de maior acuidade, com maior preocupação com os detalhes e com tendência a um maior emprego de recursos literários. (PROCÓPIO-XAVIER, 2012, p.125)

Ao se valer de gêneros variados, o projeto demonstra que a experimentação narrativa é seu foco principal e o meio pelo qual ele acredita que as experimentações e as inovações no jornalismo devem acontecer. A escolha pelo jornalismo literário se deu por diversas características dessa modalidade, pertinentes ao projeto, como o uso de fontes não oficiais, a não-obrigatoriedade de tratar de assuntos atuais e a ausência de pauta, *lead*, estrutura na qual respondem-se às perguntas principais sobre os fatos, e *deadline*, famosa hora de fechamento da edição, quando inevitavelmente as matérias devem ser entregues (PENA, 2006). Dessa forma, os estudantes vinculados ao projeto podem experimentar um jornalismo diferente do praticado no curso e na mídia em geral.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A tarefa de revelar a identidade do viçosense comum e de resgatar a história da cidade, de alguns de seus espaços e de seus habitantes, requer uma coleta de dados cercada de detalhes. Para isso, foi utilizado como procedimento metodológico o método biográfico

(ancorado na história oral<sup>6</sup>), com coleta de fragmentos de histórias de vida por investigação participativa, estimulando a troca de diálogos com o pesquisado e a cooperação empática.

Berteaux (2006) pondera que todo o processo narrativo é condicionado por filtros: a presença do pesquisador, o pacto estabelecido entre eles, a memória, as crenças e ideologias do sujeito, etc. Contudo, as narrações e relatos, mesmo mediados por esses filtros, são capazes de revelar experiências e informações sobre as praças e seus frequentadores que dificilmente encontraríamos em arquivos ou em registros oficiais. Ainda, a coleta por histórias de vida (ou de fragmentos delas) é apropriada para este projeto porque permite ilustrar cenários sociais, reinserindo o indivíduo no social e na história, permitindo captar como ele modela sua sociedade e como é moldado por ela.

A escolha dos espaços públicos visa a identificar espaços significativos para a população, além de serem locais de confluência de pessoas e histórias. Em relação à escolha dos sujeitos da pesquisa, que se revelam como protagonistas da História viçosense tal qual de sua própria, são identificados a partir desse contato dos pesquisadores com a população, no ato de frequentar e flunar nas praças. Inicialmente, destaca-se as praças que, assim como a rua para sociedade brasileira narrada por João do Rio (2008) no início do século XX, funcionam como síntese antropológica da própria cidade, com sua identidade cultural.

A proposta teórico-metodológica também se ancora no conceito formulado por Baudelaire e desenvolvido por Walter Benjamin de *flanêurie*, cujo significado remete ao desprendimento da agitação cotidiana por alguns momentos, desprezando a vida moderna e atendo-se aos prazeres da desaceleração. A atividade do *flâneur* reverbera, pois, na observação participante, que, de acordo com Sims (1999), exige que o jornalista realize uma imersão na realidade para que possa entendê-la.

Além disso, a produção das fotonarrativas, crônicas e reportagens se vale de métodos jornalístico-literários. Apesar de se apropriarem de elementos literários, as narrativas não excluem procedimentos jornalísticos, como apuração, pesquisa e entrevista, nem a representação de fatos, acontecimentos e relatos reais (SAYÃO, 2011). Sobre a atenção necessária para quando um texto jornalístico se valer da literatura, discorreu Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 178): “absorve assim elementos do fazer literário, mas,

---

<sup>6</sup> A história oral deve ser entendida como um método através do qual são produzidas interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente. O conhecimento de tal passado é permitido por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento e que o tornam público através do relato de suas lembranças, emoções e vivências (ALBERTI, 2005).

camaleão, transforma-os, dá-lhes aproveitamento direcionado a outro fim”, que refere-se às produções jornalísticas, que têm o caráter de informar.

A apuração jornalística para as produções requisita métodos diferenciados de pesquisa e registro das informações, que pretendem garantir a veracidade para assegurar a sua credibilidade. Além de uma investigação profunda, sem pressa, Sims (1999) estimula o uso de um diário, numa alusão ao instrumento da etnografia diário de campo. Nos momentos em que estavam flanando, os estudantes anotavam suas impressões, conversas e informações para servirem como material dos relatos posteriormente produzidos.

Prática fundamental de apuração, a entrevista coleta histórias dos personagens entrevistados e permite que se conheça a fonte e permite um contato entre ela e o entrevistador. Trata-se de “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais” (MEDINA, 2005, p. 8).

Outro procedimento de apuração em jornalismo literário é a atenção aos detalhes e a observação das pessoas em seu cotidiano, não só no momento da entrevista. De acordo com Moreira Salles (2006, p. 571), “o personagem se revela não só pelo que diz, mas também pelo que o cerca”. E para captar isso, “exige disciplina e olho-vivo”.

Em jornalismo literário, o tempo de apuração, assim como o tempo de produção dos textos, é uma característica diferente do tradicional, estando, pois, relacionado a uma metodologia própria. A prioridade da qualidade do texto ao invés do seu apelo temporal permite que o processo seja demorado (SAYÃO, 2011).

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

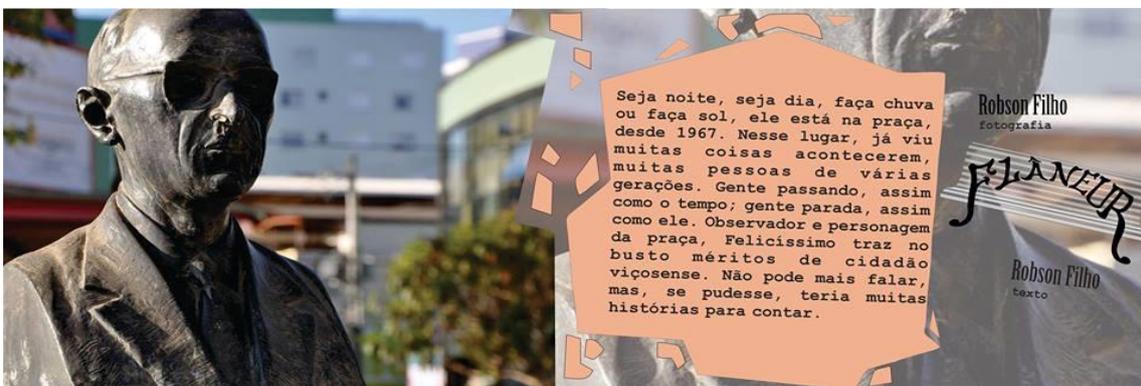
O processo de produção das narrativas jornalístico-literárias teve como ponto de partida as visitas a cinco praças de Viçosa: praças Silviano Brandão, Mario del Giudice e Rosário, no centro; praça Santana, no bairro de Fátima; e praça das Quatro Pilastras, na universidade. Nesses locais, os integrantes do projeto realizaram a cobertura *flâneur* – sem pressa, informativa e delicada – do espaço e de seus personagens. O trabalho de apuração foi realizado nas próprias praças, através de observações e entrevistas informais, sem agendamento prévio. Os estudantes ficaram observando o ambiente e as pessoas até tentarem uma aproximação. Ao abordá-las, para saber suas histórias, os repórteres *flâneurs* se preocuparam em não intimidá-las, tendo o cuidado de esconder materiais como câmera, gravador, bloco de papel e caneta. Assim, aproximaram-se das pessoas de forma cautelosa, conversando normalmente com elas, até estabelecer contato e mostrar uma relação de

confiança. Só então deram explicação sobre o projeto e pediram autorização para gravar, fotografar e fazer anotações. Dessa forma, os repórteres puderam perceber a importância de ir às ruas, enxergar o “invisível” e descobrir histórias interessantes. Experimentaram um jornalismo diferente, livres da pauta, das fontes oficiais, do *lead* e do *deadline*.

Em média, foi visitada uma praça por mês. Após cada uma das sessões “flanar”, a equipe se reuniu para comentar as informações colhidas e as sensações apreendidas. E, a partir disso, surgiram os possíveis assuntos para as narrativas. As anotações feitas e as imagens captadas, juntamente com as pesquisas e entrevistas posteriores, constituíram o subsídio material utilizado para a construção dos relatos jornalístico-literários variados<sup>7</sup>.

Para cada praça, um estudante ficou responsável por fazer a crônica e outro, a reportagem. As crônicas, baseadas em características marcantes das praças, escolhidas coletivamente de acordo com as percepções obtidas pela equipe nas sessões “flanar”, apresentam histórias que remetem a acontecimentos cotidianos e a personagens comuns dos espaços. As reportagens expõem as histórias das praças, obtidas por meio entrevistas a pessoas ligadas a elas, e dados e informações sobre tais espaços públicos, de acordo com pesquisas em artigos e documentos referentes a eles. Além disso, também auxiliavam os membros do próprio grupo, que se informavam sobre os cenários onde iam flanar.

Já as fotonarrativas foram feitas por todos os integrantes do grupo. Cada um produziu uma foto por praça para acompanhar os textos que elaboraram inspirados nelas. Outra integrante do grupo ficou incumbida de unir as fotos com os textos no programa CorelDraw, de acordo com o projeto gráfico idealizado. Formatadas no tamanho 960x364, as fotonarrativas trazem, à esquerda, a imagem, e, à direita, os créditos, a logo do projeto e o texto, de cerca de 400 caracteres, inserido em uma figura que tenta reproduzir a ideia de ladrilhos, em tons pastéis de cores da própria foto, como mostrado a seguir.



**Figura 1** - Exemplo de uma fotonarrativa.

<sup>7</sup> Todas as produções jornalístico-literárias, crônicas, reportagens e fotonarrativas, podem ser acessadas no site do projeto: [www.com.ufv.br/flanando](http://www.com.ufv.br/flanando).

A organização do trabalho se deu por meio de reuniões presenciais semanais entre os alunos, a professora coordenadora e colaboradores, nas quais as propostas foram discutidas coletivamente e os textos foram debatidos e corrigidos. Então prontas, as narrativas foram disponibilizadas no site do projeto, [www.com.ufv.br/flanando](http://www.com.ufv.br/flanando), visando à divulgação informativa dos casos e história dos espaços visitados bem como dos personagens lá descobertos, e dando, assim, a eles um caráter midiático. Essa produção foi divulgada também por meio da página do projeto no facebook.

Posteriormente, as fotonarrativas foram impressas e as narrações das crônicas foram gravadas. Esse material foi exibido em uma exposição audiovisual que o projeto realizou de 10 a 14 de fevereiro de 2014 no Museu da Comunicação da UFV, na qual estiveram presentes pessoas da universidade e da cidade. O próximo passo será a exibição em praças e outros espaços públicos.

## 6 CONSIDERAÇÕES

O projeto *Flanando na Praça*, ao lançar-se à cidade e às praças, permitiu aos estudantes vivenciar e experimentar formas alternativas de se fazer jornalismo, trazendo à tona a linguagem sensível do jornalismo literário, e a relação mais próxima entre jornalista e público, própria da atuação *flâneur* nas ruas.

O projeto conseguiu ainda, através das narrativas produzidas, mostrar o cotidiano viçosense e os personagens da cidade, resgatando sua identidade. Assim, a universidade, considerada a detentora do poder intelectual, ocupou outra posição, neste projeto extensionista: não o de transmitir seu conhecimento, mas, de forma respeitosa, humilde e delicada, sentar-se ao banco da praça e ater-se à realidade dos cidadãos de Viçosa, seus conhecimentos, acontecimentos e estórias. É o resgate deste conhecimento popular, muitas vezes deixado de lado, que no projeto figurou como objeto principal.

Dessa experiência e das produções dela resultantes, surgiram reflexões, conversas e discussões sobre o ser retratado pela imprensa, mídias tradicionais e inovadoras, realidade e jornalismo. E, uma vez analisadas as atividades e os produtos obtidos, pode-se afirmar que os objetivos do projeto foram alcançados com êxito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BERTEAUX, D. **Le récit de vie**. Coleção L'enquête et ses methodes. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2006.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

DO RIO, J. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FRANÇA, V; GUIMARÃES, C. (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm>. Acesso em: 25 fev. 2014.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, C. A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2005.

MOREIRA SALLES, J. Ouvido, instinto e paciência. In: REMICK, David. **Dentro da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 567-575.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PROCÓPIO-XAVIER, M. R. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SAYÃO, J. **O Jornalismo Literário e as Falas de seus Entrevistados: Um Estudo de Linguística Sistêmico-Funcional**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SIMS, N. **Literary Journalism**. USA: Ballantine Books, 1999.

WOLFE, T. **Radical chique ou O novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.